



Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Sinais de Esperança

O mundo está hoje na situação do Filho Pródigo que deixou a casa do pai e, em relação a este, assumiu conscientemente uma autonomia e uma independência onde o pai não cabe.

Olhando o mundo sentimo-lo órfão, entregue a si mesmo, ainda incapaz de reconhecer a sua real situação.

Deus, que é o Pai, compadecido, enviou um pai ao mundo, para lhe tocar o coração e o lembrar que, embora andando perdido e entregue a si mesmo, é chamado à alegria da vida. Esse pai é o tão querido Papa Francisco. Ao olhá-lo vemos a mão de Deus, amorosa e cheia de perdão, e concluímos que a Igreja é hoje o sinal de Esperança para a humanidade.

Não há bem material que possa trazer-lhe a

Esperança. Tudo é uma rica miséria se tida como um fim, incapaz de trazer a alegria que só o Pai comunica.

Homens e mulheres, constantemente e de diversas formas, são convidados a voltarem à casa do Pai. Já se sentem efeitos deste novo e tão necessário Pentecostes. Como a nossa alma gozaria se os mais próximos fossem receptivos ao convite!

O mundo hoje procura a perfeição exterior. No entanto o seu coração anda vazio e triste, sentindo-se desprezado, buscando a cura para os seus males em clínicas, drogas, libertinagens. Dá vontade de rezar por ele ao ver as traições cometidas, de desprezo pela vida em gestação e pela plenamente formada.

Estes sinais dos tempos pedem uma renovação do interior, para o reencontro com a verdade nua e crua; para o conseqüente desvelar da hipocrisia que cobre essa perfeição exterior: «Limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e de maldade.»

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

NÃO sei onde apanhei, numa noite de insónia, «é tempo de saber viver». Onde e como e com quem? O nosso pequeno mundo de Casa todos os dias procuramos melhorá-lo, o que já não é fácil. Mas como entender o que se passa à nossa volta, que todos os dias apunhá-la a nossa alma e coração? Como entender o mundo global causador de tantos sofrimentos atrozes que atingem os mais frágeis, os marginais, os doentes e idosos, alheios e desprovidos de autodefesa, os injustiçados sem apelo a direitos humanos, os refugiados condenados à fome. A nossa fé chega para acreditar na palavra sagrada de que há um só Pai e todos somos irmãos? Francisco diz que «a fraternidade é fundamento e caminho para a Paz. E a Cruz é o lugar definitivo da fundação da fraternidade». E é o único. Mas quando nos desprenderemos da nossa tradição para abraçar os outros como irmãos que têm por Deus o mesmo Pai, mesmo que o conheçam apenas em amuletos ou figuras indefinidas e ainda aí não chegámos? É bela a canção do Roberto Carlos «olho para o céu e vejo esta multidão que vai caminhando. Em cada esquina vejo um irmão... para que todos cantem na mesma voz esta canção: Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui». Sim Senhor eu estou aqui, sepultado no meu eu, esmagado pelo meu nada, com o coração a sangrar como o vosso na Cruz e sem poder fazer nada de mãos e braços amarrados. Com que direito posso reclamar que olheis para mim se o mundo dos outros precisa de mais perdão que eu. Ou serei eu que preciso de mais perdão para ler dentro de mim o que é a graça do perdão e quais são os vossos desígnios de amor? A fraternidade será fingida e adiada se não houver perdão. Como, quando e quem vai fazer abraçar os contrários se todos têm a mesma culpa. Só mesmo Cristo o fez plenamente entre o Pai e a humanidade já assumida por Ele. Os homens têm de ser gigantes que tenham como Mandela a justiça e o bem comum como aspiração urgente e máxima de suas vidas. Que assim seja em toda a parte agora e para sempre. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

«O Evangelho é anunciado aos Pobres», eis o sinal que Jesus apresentou, no início da sua pregação, como prova de presença pessoal na Humanidade.

Vejo com alguma clareza que, com a Casa do Gaiato, se torna mais fácil acudir aos Pobres e, com os Pobres, educar os rapazes num espírito de pobreza, como a primeira das bem-aventuranças.

Os casos que me chegam, são de matizes muito variados com as raízes humanas mais diversas.

Uma vítima de violência doméstica foi obrigada a sair de casa e a refugiar-se com a filha, algures, não sei onde.

Precisava agora, de sair do abrigo e alugar morada para viver.

A Segurança Social, não lhe pode dar apoio e, segundo ela, uma assistente mandou-a ter comigo: — *Só fulano é que lhe pode valer.* A Pobre não tem trabalho e é possuída por um medo horrível do companheiro, pois ele tentou esfaqueá-la.

Acompanhava-a outra senhora que advogou a sua situação, junto de mim, condoída pelo estado lastimoso a que chegara esta sua amiga.

Tratava-se de arrendar uma casa, fazer um contrato, pagar a caução e o primeiro mês.

— *Sim senhora, encontramos-nos amanhã em tal sítio.*

Eu iria presidir à celebração religiosa de um funeral e antes, atendê-la-ia, sem necessidade que voltasse à Casa do Gaiato.

Passei cheque ao senhorio para confirmar o contrato mas, enquanto escrevia, a intercessora começou outro lamento: — *Mas olhe que a casa não tem nada!, nem cama nem frigorífico nem nada! Só tem as paredes!*

Tinham-me telefonado de Lisboa a oferecer móveis para despejar uns andares. Lá fomos nós com a camioneta e os rapazes carregar o que nos ofereciam

Já me tenho sentido recoveiro dos Pobres mas nunca como naquele dia.

O prédio situa-se na Almirante Reis.

Continua na página 3

Em Malanje foi assim



BENGUELA

Padre Manuel António

50 anos da Casa do Gaiato de Benguela

NO dia 3 de Janeiro, deste ano de 2014, celebrámos, na intimidade e simplicidade familiar, os 50 anos do nascimento da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Este dia era dedicado ao SS.mo Nome de Jesus, o padroeiro da Obra da Rua, escolhido por Pai Américo. A primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo, nasceu há 74 anos, debaixo da protecção do SS.mo Nome de Jesus. Por isso, foi escolhido este dia para o acto comemorativo dos 50 anos do nascimento da Casa do Gaiato de Benguela. Está projectada, para o princípio do mês de Fevereiro, outra forma da celebração. Haverá o envolvimento dos filhos que já

estão fora e a presença duma representação dos filhos que vivem em Portugal e vieram, no início, para dar a sua ajuda. A iniciativa, em todos os aspectos, nasceu no coração deles.

Há poucos dias, também, houve a celebração do Baptismo de 12 filhos desta nossa Casa do Gaiato. Foi um acontecimento cheio de beleza. O projecto educativo, saído do coração de Pai Américo, integra a dimensão religiosa na formação humana integral. Estes filhos, como todos os filhos, têm estômago; têm inteligência; têm uma vocação transcendente. Estas dimensões humanas necessitam de ser atendidas com todo o amor

e carinho, para que o homem presente em cada um destes filhos realize o plano feliz do seu destino temporal e eterno. Estou a escrever, por coincidência, no dia da Festa do Baptismo de Jesus. Quem dera nos sentíssemos verdadeiramente irmãos uns dos outros, filhos do mesmo Pai que nos comunicou a Sua vida no dia do nosso Baptismo! Esta visão é profundamente humana, iluminada pela Fé. É, sem dúvida, uma fonte geradora dum mundo novo. Na medida em que nos sentimos irmãos uns dos outros, o amor leva-nos à partilha do que temos e somos. Esta fraternidade está na base dum ambiente de paz familiar, a nível social. Vamos todos caminhar neste sentido! Quem dera! O egoísmo, a indiferença, matam a generosidade gerada pelo amor. Há dezenas de mães

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Dário e Daniel

ESCOLA — Teve início o segundo período e alguns Rapazes têm trabalhado arduamente, para conseguir levantar as notas negativas do primeiro. O período actual é o maior, os Rapazes têm de se esforçar, porque é um período decisivo para se poder passar de ano.

POMAR — Dois dos nossos Rapazes foram colher tangerinas e laranjas, porque as árvores estavam carregadinhas e já estavam boas para a nossa sobremesa. No quintal do nosso Lar, os kiwis já estão maduros e, por isso, não têm faltado à nossa mesa.

VISITAS — Esteve connosco um grupo paroquial de Ervedosa. São jovens que formam um grupo de oração com o seu Pároco. Conviveram connosco numa «futebolada», antes de irem embora. Trouxeram-nos uma grande oferta de mercearia e roupa. Esperamos que voltem, um dia.

GRIPE — Alguns dos nossos Rapazes estiveram de cama, porque apanharam gripe. Ninguém estava à espera desta epidemia. É preciso ter cuidado e não andar com roupas finas, pois não estamos no Verão. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Se mais alguém no País quiser consagrar a sua vida ao garoto da rua ou à chusma dos filhos empobrecidos pelos males sociais, deve dar à Obra a máxima objectividade, educando a criança como ela deveria sê-lo em sua casa, no seu meio, dentro das possibilidades da família. A Obra deve girar nos moldes da Família enquanto o miúdo lhe não puder ser restituído. E se este a não tiver, há-de sair do Ninho capaz de a construir, pela prática que teve dela.

in *Obra da Rua*, p 53

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«**ALEGRIA QUE SE RENOVA E COMUNICA**» — Nesta época em que nosso país e no resto do mundo os sentimentos de muitos são mais para a tristeza do que para outra coisa, não podia ser mais oportuno o tema que o Papa Francisco escolheu para a sua primeira Exortação Apostólica: “A Alegria do Evangelho”.

Vale a pena trazer para aqui uma parte do que é dito no introdução deste texto que deveria ser conhecido e reflectido por toda a Igreja: “O grande risco do mundo actual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se houve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do Seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha de uma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.”

Depois de palavras assim, ditas com tanta profundidade e simplicidade, o melhor talvez seja não se acrescentar mais nada, reflectir nelas e agir em consequência, mas cá vamos arriscar mais alguma coisa deste lado, essencialmente sublinhados no que o Papa aqui diz.

Esta “tristeza individualista” de que fala o Papa anda por aí, cada vez com mais força e em mais gente, incluindo em muitos crentes que até podem ser Vicentinos, ou coisa parecida. Com esta “tristeza individualista” não há espaço para os outros, não há espaço para os pobres. Dela saem ressentimentos e queixas. Quantas vezes, até nas nossas andanças e reuniões de Vicentinos, gastamos tempo e energia inutilmente, com queixas e ressentimentos. Viramo-nos “para dentro”, quando deveríamos estar mais atentos ao que nos rodeia e a quem nos rodeia. É muito difícil fazermos isto porque as canseiras, as preocupações e os problemas das nossas vidas levam-nos constantemente no sentido contrário, mas tem que ser.

Que esta exortação apostólica do Papa nos fique no espírito e aí permaneça para o resto dos nossos dias, impedindo-nos de cairmos na “tristeza individualista” que nos tira a vida e que faz com que também tiremos vida aos outros. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

74 ANOS DA NOSSA CASA — A nossa Casa do Gaiato comemorou a 7 de Janeiro, terça-feira, os seus 74 anos de vida. Foi nesse dia, do Santíssimo Nome de Jesus, que foram acolhidos os 3 primeiros Rapazes. A Obra da Rua nasceu com Pai Américo, nas ruas de Coimbra, ao visitar e ajudar Pobres. Cuidou da Sopa dos Pobres, na rua da Matemática, em Coimbra (19 de Março de 1932). Depois, organizou Colónias de Campo em S. Pedro de Alva e Vila Nova do Ceira (1935-1939). Entre nós, foi celebrada a Eucaristia, lembrando todos aqueles e aquelas que estão ligados a esta comunidade. Agradecemos, entre outros, a uns amigos da Póvoa do Varzim, que marcaram presença.

EPIFANIA DO SENHOR — A 5 de Janeiro, Domingo, participámos na Missa; e, da parte da tarde, deslocámo-nos ao salão paroquial de Igreja de S. José, em Coimbra, onde colaborámos na Festa de Reis, com as crianças da catequese, apresentando, sob orientação da Prof.^a

Cristina, duas intervenções musicais (*O meu nome é...; Agora é que eu vou ser feliz!*) e alguns poemas de Natal. Agradecemos a boa campanha de bens alimentares, bem como o convite de catequistas, pais e mães, crianças e adolescentes, com o Sr. Padre João Castelhana. O nosso muito obrigado!

ANO NOVO — No primeiro dia do ano, de Santa Maria – Mãe de Deus e Dia Mundial da Paz, pelas 10.00h, foi celebrada a Eucaristia, na nossa Capela. Esperamos que o ano de 2014 seja melhor e com mais esperança. Saúde e paz para todos!

OUTRAS DATAS — O casal de professores Carlos Manuel Trindade e Helena, com familiares seus, celebrou 49 anos de matrimónio, a 3 de Janeiro, com uma Eucaristia nesta Casa; mesmo aposentados, vão ajudando na liturgia e catequese. A 28 de Janeiro, o nosso Padre Horácio faria 90 anos; pelo que, com gratidão, lembramos a sua memória, de

serviço aos Rapazes e Pobres. Os nossos muitos parabéns!

CONCERTO — O grupo de jovens *Sol Nascente*, de Alvaiázere, com o seu Prior, Sr. Padre Celestino, veio apresentar-nos, no dia do Baptismo do Senhor, a 12 de Janeiro, Domingo, canções natalícias. Seguiu-se uma boa merenda. Bem-hajam!

AGROPECUÁRIA — O nosso País foi assolado por temporais. As enxurradas galgaram os leitões e levaram oliveiras no ribeiro. Finalmente, foi concluída a safra da azeitona e do azeite. Nos olivais da nossa quinta, contaram-se 717 oliveiras. A segunda carrada de sacos, com 3109kg, foi levada, a 3 de Janeiro, a um lagar da região. Deu muito trabalho, mas valeu bem a pena! Entretanto, efectuaram-se as podas das videiras e kiwis, das latadas, de outras árvores de fruto, do pomar, e ainda dos jardins. As nossas tangerineiras têm dado bons frutos. Mais 19 frangos, crescidos, foram depenados. □



DOUTRINA

Pai Américo

Missão de Sacrifício

AQUI há tempos, veio à Casa do Gaiato de Paço de Sousa uma comissão de fora do País, saber quais as normas e métodos adoptados. Eu tive de responder e disse àqueles estrangeiros que nas nossas Casas não há sistemas nem métodos especiais. Há o Evangelho; um esforço quotidiano; um regresso humilde e persistente à Família de Nazaré. Nós somos a Família. As cartas, ou trechos delas, dirigidas por rapazes nossos que ontem partiram para a África, a rapazes nossos que ficaram em Casa; estas cartas, digo, dão testemunho. Nós somos a Família. Nem faltam as notícias de um que tem sido menos feliz; de cinco que foram, houve um que não correspondeu. Mas isto é humano. Isto não tira nada à Obra, antes lhe dá a natural variedade.

A Obra da Rua, por aquilo que é, bem merecia ser estudada e apreciada. As relações dos que já foram com os que estão, são luz. Um dos nossos rapazes que sabe o que diz e o que quer, ofereceu-se-me há dias para ir. Este verbo ir, segundo ele, é missão de sacrifício. Ele foi chefe-maioral durante quatro anos. Sabe quanto custa orientar rapazes. Sabe. E, no entanto, quer ir. Qualquer dos padres da rua está, também, disposto ao heroísmo.

OS portugueses têm possessões de que não podem ser verdadeiramente donos por falta de braços e de cabeças que trabalhem e valorizem. A Obra da Rua poderia ajudar. O mais difícil, está feito; ela

está carrilada. Os seus fundamentos são seguros: a doutrina da Família. Bem merecia a Obra da Rua ser estudada e apreciada oficialmente, sem furtar nada à sua beleza particular.

UMA curiosidade que levasse à dúvida e que da dúvida nascesse o estudo; e que do estudo fosse à prática; e que uma Obra de Rapazes por Rapazes viesse a enriquecer a África. Veledade? Mas nós estamos vivos e ferros. Nós temos dez anos de existência. Já não somos mais uma hipótese. Mas não!... É mais lindo mandar ao estrangeiro estudar o adiantamento das obras sociais. Os milagres são lá.

ASSIM como o Estado, também a Igreja. Os organizadores das chamadas Semanas Sociais ignoram a Obra da Rua. Nos seus programas nem aparece nem é falada. É mais lindo repisar solenemente palavras que outros já disseram. O milagre do Evangelho realizado não os interessa.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Com os rapazes, o mestre da carpintaria e os serralheiros transportaram os móveis muito pesados, pelas escadas abaixo, de um 7º andar.

Na segunda tarde, o cansaço não me permitiu assistir e fiquei no carro, a rezar, dando algumas orientações, enquanto os rapazes carregavam.

Como os móveis se iam acumulando cá fora, os Pobres passavam e pediam. Ainda dei um caixote em folha, para papéis de escritório.

Entre todos, apareceu-me uma senhora oriunda da Guiné, a implorar um colchão, pois dormia num piso, sem qualquer cama. Doeuse-me aquela mulher, hesitei e, não cedi. Mande-a ter com o prior — *Vá, se ele ma recomendar, nós levar-lho-emos.*

— *Mas eu sou muçulmana* —, respondeu.

— *Não faz mal. É filha de Deus.*

A Pobre lá foi com a minha palavra, carregando a sua indignância e... sei lá... quanto sofrimento.

A avenida é muito movimentada de automóveis, nem por isso de pessoas nos passeios. Dois homens mal vestidos e sujos, deambulavam para cima e para baixo, pedindo esmola a qualquer transeunte, falando sozinho e deixando-me adivinhar o seu estado de abandono.

As sirenes das ambulâncias e da polícia atroavam continuamente a avenida, provocando uma sensação de insegurança e medo a que não estou habituado.

Como é bom morarmos e dormirmos no campo, pensava eu.

Adverti depois, que estava próximo de dois hospitais, daí a contínua e estridente sirene das ambulâncias.

Os rapazes foram carregando as mobílias sobre a caixa comprida da camioneta, levantando o volume até quase ao céu.

Sim, não temos tempo para socorrer tanta gente. É preciso aproveitar a oportunidade e fazer o que é possível. Apertámos a carada e... ala... lá vamos nós.

Era noite. As luzes aluminaavam o ambiente e as avenidas.

Eu pus-me atrás da camioneta com a nossa *Sharan*, cheia de rapazes e de móveis mais delicados, colando-me bem a ela, pronto a argumentar como quem viesse interferir na nossa missão.

Nada. Chegámos bem e, no dia seguinte de manhã, descarregámos e distribuímos logo, mobília, louças, roupa, etc., tendo no coração a sabedoria experiente do povo: *é pobre quem possui muitos filhos.*

Fico sempre engasgado com estas situações: Porque é que a Assistente Social, impotente para acudir a um sofrimento desta natureza, não mandou a violentada ter com o Pároco? Porquê?

Se este não pudesse socorrer-la com valores, poderia, pelo menos, doer-se e pedir ajuda a outras paróquias menos pobres, ao Bispo ou então ao Património.

Como seria bom para a Igreja

toda, que os Párcos estivessem no centro das decisões e os Pobres se abeirassem deles, cheios de confiança!...

A Igreja manifestaria ao mundo aquilo que é: Mãe.

O nosso actual Papa Francisco apregoa continuamente, o desejo de presidir a uma Igreja Pobre, que sirva os Pobres. Sim. E só assim a Igreja descobrirá ao mundo incrédulo, o seu poder transcendente de transmitir a afiliação divina à humanidade. Só por esta via, os homens acreditarão n'ela e, lhe pedirão, sequiosos, as fontes da salvação.

O Padre Américo, devoto apaixonado da Igreja, cujas pegadas segue o actual Papa, gritava, pelos famintos: *«primeiro o pão, depois o pão, a seguir pão, sempre o pão... e, finalmente, virá a fé».*

O pão é, no entender desta voz, alimento, casa, saúde, vestuário, educação e dignidade. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

e filhos que viviam dependentes da ajuda da nossa Casa do Gaiato, há muitos anos. Vieram da guerra devastadora da nossa querida Angola, com os peitos secos e os filhos dependurados. Este serviço era possível graças ao apoio generoso que nos chegava e ao fruto do trabalho do campo. Neste momento muito difícil e doloroso, foram-se embora, porque a Casa do Gaiato já não tem possibilidades materiais para as manter com o pão nosso de cada dia. O coração sofre muito com as aflições geradas por esta situação. Ao longo dos 50 anos de vida passados, houve momentos muito fortes e pesados. Este, porém, é muito pesado! Temos Esperança de que o vosso coração se abra, na medida do possível, e partilhe connosco o pouco ou o muito que tem.

Dois grupos dos mais pequeninos aproveitaram alguns dias de praia muito felizes, neste tempo de Verão angolano. Pedimos uma casa emprestada, na baía de Santo António, como tem sido habitual, há vários anos. A nossa Teresa, como mãe carinhosa, acompanhou-os, durante uma semana. É um tempo saudável para o seu equilíbrio humano, a fazer-se desde pequeninos. O José Luís, como pai de coração cheio de amor, acompanhou outro grupo. São momentos fortes na vida destes filhos em que sentem o amor da família que é a Casa do Gaiato. Perderam a sua família natural. Não perderam, contudo, o direito a uma família que os ajude a crescer como cidadãos normais. É a missão principal da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Vamos continuar, sempre com a vossa ajuda.

Estamos a preparar-nos para o acolhimento dum número grande de filhos, em fase adiantada da primeira infância. O Abrigo dos Pequenos, Instituição ao cuidado das Irmãs do SS.mo Salvador, há muitos anos, é uma das fontes mais fecundas de abastecimento da Casa do Gaiato com esta riqueza humana. É a alegria do nascimento de novos filhos. Também são vossos pelos laços do amor, sem limites de espaço ou de tempo. Assim devem ser os nossos corações. □

TEMPO COMUM

Padre João

DEPOIS da expectativa do Advento, consumada nas festividades do Natal, fica um rasto de alegria renovada e a certeza de que Deus veio ter connosco e que continua a vir, no “tecido imperceptível do nosso quotidiano. É, liturgicamente o “Tempo Comum”.

Assim nos ensina a Instrução Geral do Missal Romano: «Este tempo existe não para celebrar algum aspecto particular do mistério de Cristo, mas para celebrá-lo em toda a sua globalidade, especialmente em cada Domingo».

O “Tempo Comum” é o tempo da humanidade, o nosso tempo; o tempo que nos é dado, num caminho escondido e silencioso pelas estradas da vida, enquanto repetimos num ritmo semanal: «anunciamos Senhor a Vossa morte, proclamamos a Vossa Ressurreição, Vinde senhor Jesus». É o Domingo! É o Dia do Senhor! É ele que marca o ritmo numa pausa inolvidável: «nós, os cristãos não

podemos viver sem o Domingo» — asseveravam as primeiras gerações de cristãos.

Este tempo é o tempo da sementeira na vasta seara do mundo; sementeira da Palavra, do Reino, oportuna e inoportuna. Tempo de que possa germinar, quantas vezes em circunstâncias bem adversas e sem frutos vistosos ou imediatos.

É um tempo de exercitar a paciência humana, na contemplação da paciência divina: «Senhor talvez para cinquenta justos faltem cinco. Por causa de cinco, destruirás toda a cidade?...» — questionava Abraão, o Senhor, na Sua indignação.

Tempo de desafio à paciência de Deus para connosco e com quem nos rodeia. Tempo de exercitar a santidade da nossa experiência cristã; em que os santos se tornam modelos próximos e familiares desse “estado de vida”, estimulando-nos à perseverança, a que não desanimemos nem peçamos

“fogo do céu” diante do fracasso, ou do aparente triunfo da maldade.

É o tempo da humildade; Ela é a verdade. É o tempo propício para a oração no Espírito Santo, ela é o oxigénio de uma vida espiritual que afugenta o desânimo e combate o desfalecimento. As mudanças não acontecem nas “nossas horas” nem segundo os nossos cálculos, são “kairós” de Deus. É preciso saber esperar activamente pelas “horas de Deus”, porque o Senhor virá na hora em que menos se espera — para dar a cada um “a sua medida de trigo”.

Tempo de exercitar a vigilância, principalmente em nós, sem deixar de estar atentos aos outros: «onde está o teu irmão?» — nos há-de perguntar o Senhor, já que ninguém poderá chegar ao Céu sozinho. O Tempo Comum é o tempo da Igreja construir-se na nossa vida, no nosso tempo e cultura, como tarefa e desafio empenhativos. □

VINDE VER!

Padre Quim

Degraus ascendentes

NESTE princípio de ano, por uma passagem rápida pelo nosso Lar de Luanda, encontrei-me com vários Rapazes que fizeram parte do primeiro grupo que, em 1992 quando regressou o nosso Padre Telmo, constituiu uma pequena comunidade de irmãos, chegando a ocupar a casa-Mãe e metade da casa 1 de cima. «Nós éramos da casa-Mãe». Nesta ocasião, desatou um dos maiores ali presentes. Hoje pai de família com perspectiva de seguir uma carreira até ao fim.

Sobretudo encontrei-me com os seus inúmeros problemas. Ele, o Rapaz é uma graça, um filho que ao nosso cuidado Deus confiou. A criança nunca é um problema para a sociedade, esta, na maior parte das vezes, é que se torna mais madrasta que mãe. E se apenas delas só se esperavam miseráveis, pela ingrata sorte dos seus primeiros anos de abandono, eis a altura de uma nova apreciação destes valores humanos, recuperados debaixo dos nossos tectos; e mais: o amor a ele, dado como resposta mais do que oportuna.

Na cidade Capital, onde estão muitas famílias formadas dos nossos rapazes, disse-me alguém, importante na estrutura sócio-política da nossa Nação, que já tinha consigo alguns dos nossos e, se pela via do bem que se lhes é feito enquanto novos vierem progredindo até a maturidade, não se-lhes há-de fechar as portas da próspera inserção social condigna, neste país emergente. Quando souberam destas verdades, efervescentes para a juventude ainda sob a nossa orientação, renovaram os compromissos de trabalhar mais e estudar com igual pretensão.

Foram dias de luta e desgaste de cima a baixo, portas ora abertas, ora fechadas, são desafios pela causa do Rapaz, franzino e indolente, muitas vezes não as pode abrir sozinho. Reuniões e audiências. Vai comigo um e outro. Sempre com eles por eles e para eles.

Dizia assim uma funcionária dum estabelecimento do Estado: «Eles serão capazes de tamanhas responsabilidades?» Se não fosse por estas dúvidas, e outras, não lutaríamos por cada um deles. Julgou ser apenas filosofia barata, desconhecia ela o humanismo que arde e queima o coração, quando por injustiça lhes são fechadas as portas.

O amor sobe degraus nunca antes imaginados. Degraus para eles construírem com sacrifício e responsabilidade. E não para serem ofuscados e banalizados.

A solidariedade começa a despontar entre os Rapazes. Hoje, trago o exemplo do Malamba Ferraz, que estando a trabalhar num posto importante da sociedade, tem vindo a arranjar emprego para outros e, com ele, já vários me comentaram que é por esta via que se quer firmar a Associação dos Antigos Gaiatos. São ainda poucos membros, a semente foi lançada, muitos virão abrigar-se à sua sombra. E seremos mais, amanhã! Também o mundo não foi criado num só dia.

E quando me reclino no fim do dia de trabalho, Jesus é o conforto para continuar, no seguinte, a jornada. O amor é força dinamizadora de qualquer pretensão solidária. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

Vê-se que o Papa Francisco andou com Cristo pelas ruas e aprendeu d'Ele. Está de igual modo com os grandes como com os humildes. É o dom adequado aos tempos actuais, e o sinal convincente de Quem os governa.

A este sinal de Esperança à escala universal, juntam-se muitos outros em situações locais. Durante os 50 anos, que se completaram neste mês de Janeiro na Festa litúrgica do SS.mo Nome de Jesus, foram sinal de Esperança durante este largo período de tempo, os nossos padres enviados para Angola, às cidades de Benguela e Malanje, onde edificaram com pedras e o seu sangue, as respectivas Casas do Gaiato.

Padre Manuel António e Padre Telmo, em situações mais entusiasmantes ou de sofrimento, em que o mundo é profícuo, deram esperança e ajudaram a avançar na vida, a multidões de Rapazes e homens e mulheres do Povo, antes desalentados ou caídos.

Agora, quando em Portugal, no campo social, a lei se sobrepõe ao espírito, o unanimismo se impõe à criatividade e à experiência provada e com provas, não deixa a Obra da Rua de, apesar dos sinais no mundo serem tendentes ao descrédito ou à inconsequência, de prosseguir na sua existência implicitamente missionária.

Pai Américo deixou-nos um testamento espiritual, cujo conteúdo não se gasta nem se desactualiza, porque brotou da Verdade eterna, o Evangelho. Este testamento aponta para o futuro, onde a Esperança não morre. A Obra não é minha, dizia Pai Américo, era sinal do seu verdadeiro Autor. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Da fila à mesa

A vida humana não anda sempre sobre rodas, mesmo que se ande pelo Caminho, pois há muitas veredas para endireitar. O Luís chegou a Casa com cara de caso, considerando que não quis ir para o fim da fila do almoço, na cantina da escola. Com 11 anos, por ali também anda uma paixoneta. Admoestado, antes quer vir comer a Casa. Nas férias do Menino Deus, ficou à nossa direita e arribou, comendo este mundo e o outro.

Esta questão das filas dá-nos mesmo que pensar, iluminados pelo mergulho de Jesus, que foi baptizado. Educar para a harmonia interior e para a ordem nas atitudes, há-de começar bem cedo. As filas de espera, nomeadamente nos transportes, nas consultas e repartições públicas, são um exercício de paciência, se forem exageradas.

Nesta Família, uma hora mexida, pelas cinco da tarde, acontece quando os miúdos se abeiram da cozinha, em correrias e esbaforidos, para receberem a sua merenda, que é muito desejada. Às vezes, surgem atropelos, pois é uma refeição menos formal e, quando não chove, decorre a céu aberto, próximo de uma vetusta laranjeira e com uma fonte de água pura mesmo a jeito de molhar o bico. São distribuídos mimos que recolhemos, bem

acompanhados com canecas de leite, cujo precioso alimento ganha primazia no elenco de géneros para os ajudar a crescer, também em estatura. Contudo, isso não basta, uma vez que há outras dimensões no desenvolvimento humano integral. Cada rapazito quer escolher o seu naco; porém, nem todos podem tragar o mesmo, considerando que há alguns *gadochas*. A sustentação quotidiana das nossas mesas e dos pobres deixa-nos vergados na pedra de ara, em louvor da Providência.

Na dita *bucha* quotidiana, há com frequência algazarra de alegria e ráfia e também tentativas de ultrapassagem. Saber respeitar o sítio dos outros e ocupar o seu lugar na vida, qualquer que seja a vocação e missão, tem por pano de fundo uma lição magistral e espiritual, quando Jesus se colocou na fila daqueles que iam receber a água no Jordão. Na Sua comunhão com a humanidade deu este eloquente sinal: foi na Sua vez e com os pecadores. Tal gesto impressionou de tal modo os Seus discípulos e é um convite radical e sempre actual a incorporar a vida humana em Cristo e na Igreja. Quem não precisa também de lavar a sua altivez e rigidez; e descer para que os outros também cresçam? Foi assim que Jesus de Nazaré *passou fazendo o bem*. Não lhe bastou ter por berço o

madeiro de uma manjedoura, para se aproximar de todos, prenúncio do madeiro da Cruz salvadora. Ao tesouro natural que é a água, fonte de vida e enorme recurso a preservar, deu-lhe um significado extraordinário: para se assumir verdadeiramente a vida e encontrar sinas da Vida, tem de se mergulhar no mistério pascal do Senhor.

Quando toca a sineta para as outras refeições e orações, na sala de jantar, são os pequenos que correm mais e melhor; todavia, às vezes, caem no átrio. A mesa está sempre posta a horas e para todos e quem precise de vir partilhar o pão. Cada ser humano, chamado pelo seu nome, no plano divino, tem a promessa de um lugar à Sua mesa celeste. Não adianta ultrapassar e ocupar o lugar dos outros.

Corre-se o risco de querer o mundo a seus pés e reclamar o impossível e desnecessário, sem afazeres e deveres a cumprir. Ainda não se vive no reino da utopia, mas a caminho do Reino dos Céus. Não é conveniente tropeçar duas vezes na mesma pedra, desde tenra idade. O que se ensina e é transmitido aos mais novos vai na linha do que é vital para uma humanidade justa e saudável ou difunde-se e propaga-se lixo que corrói as pessoas e destrói as sociedades?

Na fila da humanidade, quem segue o Mestre, é tomado pela Sua mão, pois Ele ama a todos, não fazendo *acepção de pessoas*. Aquele rapazito ladino e os seus companheiros têm de perceber que não pode ser tudo a monte, mas ter

fé em Deus e cada um saber estar no seu lugar, na fila e na mesa, em toda a nossa vida, todos os dias. Senão, pode-se cair na rua... Foi também, por isso, que Jesus veio da Galileia; contudo, muitos ainda não

O conhecem ou pouco sabemos do Filho de Maria e do Carpinteiro. Com grande lucidez, o Padre Américo frisou (em 1952): *Um cristianismo sem Cristo é um nome. O que faz o cristão é Jesus.* □

SETÚBAL

Padre Acílio

Laurentino

JÁ foi notícia no Gaiato pelo seu modo de rezar, no meio dos outros. Não fala, mas ouve, compreende e escreve.

Tem muita dificuldade nos pequenos movimentos e um andar característico, pousando a ponta dos pés e levantando os calcanhares. Parece ir aos saltinhos.

Consultámos, em Lisboa, os melhores neurologistas que lhe fizeram os exames convenientes. A lesão cerebral, provocada pelo parto, é irreversível.

Tendo saído o Isaías, o qual, este ano, foi para a escola, na cidade, Laurentino ofereceu-se para fazer a obrigação da salinha que consiste em limpar a mesa onde eu como com alguns rapazes mais novos em casa, o Padre João, o Hélio, o Prof. José Manuel e os convidados que estão sempre a aparecer.

Põe a mesa das senhoras, na salinha, lava a loiça mais delicada e à noite passa com a esfregona na dispensa, o corredor e a pequena sala das senhoras.

É uma obrigação trabalhosa que ele faz com devoção e carinho.

Pelas suas dificuldades, tem partido muitos copos. Sofre por isso e nós também, mas não desiste.

O consolo que gozamos por este serviço tão terno, enche-nos alma de alegria

Fui buscá-lo à Brandoa. O Pai morreu após o enxerto de um pulmão. A mãe vivia num quarto com outros familiares. Teve tanta vergonha da sua indigência, que me recebeu cá fora, em baixo, junto á porta. É gente muito pobre.

Costumo dar aos rapazes, de vez em quando, não uma mesada, mas algum dinheiro para o seu bolso, nas festas, quando fazem algumas tarefas mais exigentes e generosas, no seu aniversário, etc. ...

Este dinheiro tem várias funções: — educar para economia, aprender a utilizar a algibeira; evitar o gasto imediato e fácil, ter sempre consigo uma reserva para algum imprevisto. É um dinheiro livre; não tem que dar contas a ninguém.

O Laurentino pede à senhora que lhe guarde o seu abono e, quando a mãe vem visitá-lo, dá-lhe o pecúlio arrecadado.

Comentar? — Não. Exultar. Os rapazes trazem-nos alegria, dão-nos lições que enchem a alma de um gozo indescritível.

Mentira

ESTA é uma arma falsa, usada em muitos quadrantes da vida financeira, social e política. Às vezes mente-se dizendo apenas meia verdade.

Quando me perguntam, se por cá vai tudo bem, respondo sempre: — Quando na Casa do Gaiato for tudo bem, já não é Casa do Gaiato.

Num sistema aberto de educação, a mentira aparenta ter mais facilidades para vingar, mas só simula. Facilmente se denuncia.

Fulano, já com vinte e muitos anos, veio, para ser agradável e se encobrir, informar-me que o seu ordenado era transferido directamente para a sua conta no banco.

Como desejamos que os rapazes saiam de Casa, também com a independência económica, o dinheiro que ganham a trabalhar fora, fica todo na sua posse. E tem resultado com muitos.

O nosso amigo, querendo fazer parte dos económicos e sérios, veio apressadamente informar-me das relações financeiras do seu patrão consigo próprio. Pelo Ano Novo, querendo ir visitar o padrinho ao Porto, pediu-me 100€, para não mexer na sua conta.

Quis certificar-me. Pedi-lhe a caderneta e fui ao banco.

Ora... Durante quatro meses só havia entrado na sua conta, 350€ e 250€. O resto estoirou-o como lhe apeteceu; vindo, por cima, refilar comigo que teria de ir ao banco saber como isso é.

Roubo

QUE um ou outro rapaz, em nossa Casa, roube, é quase normal. Não podemos nem queremos evitar as oportunidades, pois é na família que eles se hão-de corrigir. E como se emendarão, se não tiverem a possibilidade de cair no furto? Assim, em Casa, não há a preocupação dominante de ter sempre tudo fechado.

Mas quando somos roubados por gente de fora, a angústia domina-nos dias e dias!

Ainda fomos apresentar queixa à Guarda, mas ela não veio.

Ora, nós matamos a fome a centenas de famílias e estamos sempre dispostos a repartir com verdade, ainda somos roubados?!

Por duas vezes, a pocilga foi assaltada e levaram-nos 4 porcos de 30 a 40 quilos. Dois de cada vez. Na última, mataram-nos no próprio compartimento, onde a vara se acolhia.

Alguns rapazes enfureceram-se e têm rondado todas as noites o chiqueiro.

Até tenho medo que eles aleijem ou derrubem algum ladrão. □

MALANJE

Padre Rafael

Que saístes a procurar...

QUANDO saímos de um lugar, é porque as coisas não estão bem ou porque queremos encontrar algo melhor. Também os cristãos, como os discípulos de Baptista, temos expectativas nossas sobre Jesus, que não foram cumpridas. Muitos vivem essa busca como um fracasso, quando tanto não se cumpriu para eles. Outros como o fim de uma etapa. Muito poucos como parte do Único Caminho. A arte de procurar passa por encontrar para encontrar-se e, um dia, ser-se encontrado...

Hoje é Domingo. Um dos mais pequenos pede para visitarmos os porquitos. Enquanto descíamos, juntou-se um bom grupo de «Batatinhas», que não paravam de correr e saltar. Alguns, descalçaram-se para poder correr melhor.

Quando chegámos, saudámos o tio António e começámos a visita. Eu dedicava-me somente a fazer perguntas e eles iam fazendo seus comentários. «Esta pariu à dois dias... só teve sete crias», normalmente são catorze. «Esta está muito doente, porque comeu muitas mangas. Aquele macho é terrível, por isso o fecharam aqui, há duas semanas. Aquela porca quer muito aos filhotes, está todo o dia a dar-lhes de mamar».

Para a maior parte deles, se trata de encontrar um lugar, um ambiente saudável, uma família... Os mais crescidos já estão assumindo responsabilidades — e

alguns por mera casualidade, como é o caso do «Paizinho», que mandámos para a oficina de serralaria, confundindo-o com outro gaiato mais velho e com o mesmo nome... e, agora, é o melhor serralheiro, com apenas 15 anos. O mais impressionante é que, até mesmo na escola, está melhorando, desde que o mudámos para a oficina. Assim, pouco-a-pouco o nosso «Paizinho» vai-se encontrando consigo mesmo e vai dando o melhor de si.

Ontem, veio um antigo gaiato com uma petição e eu indiquei-lhe o novo chefe-maioral, para que falasse com ele. Quando lhe disse que era o Manuel, ficou surpreendido, porque, segundo ele, o Manuel não tinha capacidade para orientar a Casa... Informei-o que o Manuel é chefe há já 3 anos e os Rapazes, finalmente, encontraram nele um chefe-maioral...

Chegam-nos notícias que a Irmã Marlene continua com seus exames médicos em Barcelona — e esperamos que tudo corra bem e possa celebrar os 50 anos conosco.

A reabilitação da Capela está quase concluída.

* * *

Já posso escutar a folia dos Rapazes, que transportam madeira, para preparar a fogueira da noite velha. Depois do jantar

acendê-la-emos, como se faz em muitas partes do mundo. Queimar, para purificar, tudo quanto ficou velho e prepararmo-nos para um passo novo.

A ceia será como merece este dia. Não pode faltar o funge com carne e um refresco; um doce para a sobremesa e, sobretudo, alegria, sorrisos, brincadeiras.

Durante este tempo de espera, passam-me pela mente recordações cheias de lugares e de pessoas com quem partilhámos este ano. Uns, felizes; outros, tristes... Uns, arrancam-nos um sorriso; outros, mancham o nosso olhar. Para o bom e para o mau tudo irá ficar para trás. Para nós, a intenção de cuidar desta nossa Casa do Gaiato de Malanje, cheia de vidas.

Ao chegar a meia-noite, um dos nossos Rapazes tocará o sino da Capela, para dizer a todas as aldeias circundantes, que já entrámos no ano novo. Começaremos a cantar e a dançar e brindaremos, para receber o novo ano, com abraços e beijos.

Passadas algumas horas, a música cederá o seu lugar ao silêncio — e em volta da fogueira começaremos a pedir ao Dono de tudo, por cada pessoa que esteve junto de nós. E em nosso caso são tantas...

Resta-me agradecer-te do coração, por estares desse lado... Estejas onde estiveres, só ou acompanhado, te mando um abraço de todos nós — e cento e vinte e quatro beijos... □